

SISTEMA CAPITALISTA CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO CORPORATIVA: A NOVA ERA DO CAPITAL E TRABALHO

Cícero José Tomaz¹
Rita Patrícia Almeida de Oliveira²
Camila Carolina de Lira Cavalcanti³

Administração



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este artigo pretende abordar por meio da análise dos conceitos e teorias, tanto clássicas quanto contemporâneas, as questões atuais que permeiam um tema complexo e antigo que é a relação Capital e Trabalho. Por se tratar de um tema cuja complexidade e primeiros estudos datam de épocas distantes, será também objeto de provocação a reflexões sobre tantas vertentes e contradições que o assunto envolve. Desde as antigas civilizações, passando pelo feudalismo, pela revolução industrial até os dias atuais, a história do processo de trabalho e dos modelos de produção, independente da época, conta com atores históricos e imprescindíveis nos cenários sociais, os seres humanos. Estes personagens, dependendo do contexto onde estão inseridos, se apresentam em posições antagônicas segundo seus interesses, ora como agentes de resistências contra a exploração e alienação no trabalho, ora como agentes defensores do capital como mecanismo de propulsão para o desenvolvimento. Um dos fatores cruciais nesta trajetória foi e ainda é a educação, foco principal e objeto de estudo deste artigo. Por se tratar de um tema, que por natureza permanece e continua em aberto, além das discussões em sala de aula, fez-se necessário um resgate histórico dos discursos clássicos das teorias marxistas e de seus seguidores, e a análise das teorias de estudiosos e pesquisadores contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE

Trabalho. Capital e Educação Cooperativa.

ABSTRACT

This article aims to address by analyzing the concepts and theories both classical and contemporary, current issues that permeate a complex and ancient theme which is the relation Capital and Labor. Because it is a topic whose complexity and first studies date back to distant times, it will also be provocative object reflections on so many aspects and contradictions that it entails. Since ancient civilizations, through feudalism, the industrial revolution to the present day, the story of the work process and production models, regardless of age, has historical and essential actors in social settings, humans. These characters, depending on the context they live in, come in antagonistic positions according to their interests, or as agents of resistance against exploitation and alienation at work, either as capital advocates agents such as propulsion engine for development. One of the crucial factors in this trend was and still is education, the main focus and subject matter of this article. As this is a theme, which by nature remains and remains open beyond the discussions in the classroom, it was necessary a historical discourse of the classical Marxist theories and his followers, and the analysis of the theories of scholars and contemporary researchers.

KEYWORDS

Labor. Capital and Corporate Education.

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo globalizado e com os avanços tecnológicos em níveis inimagináveis, o Sistema Capitalista, sem mudar suas características originais, se fortalece a cada instante, ora disfarçando-se por meio de ideologias neoliberais, pregando o desenvolvimento sustentável, defendendo o emprego digno e renda para todos, ora mostrando sua face cruel e fria sem esconder seus reais objetivos que é o acúmulo incomensurável e a qualquer custo de bens e riquezas, gerados a partir da exploração do ser humano, da destruição do meio ambiente e dos recursos naturais do planeta. Em expansão contínua, o capital avança como uma onda endêmica e permanente em direção à destruição global, e a única forma de detê-la seria a discussão sobre a alternativa contemporânea de um sistema societal socialista.

O que ocorreu em 11 de setembro na cidade de Nova York retrata a tendência destrutiva do capital (MESZÁROS, 2002). Neste contexto, outro elemento que se apresenta como fator importante na relação capital trabalho é a educação, que por meio do conceito de educação como forma de qualificação profissional, está diretamente vinculada à empregabilidade. Esta ideologia é criada e alimentada pelo próprio capital na atualidade e apoiada pelo estado com sua suposta política de desenvolvimento educacional e de geração de emprego.

[...] o papel atribuído a educação como garantidor de uma posição no mercado de trabalho e, decorrente disso, propiciador de uma mobilidade social ascendente, expressa-se nos tempos atuais, não só como uma impropriedade analítica, mas, ao mesmo tempo, como um fetiche do próprio capital. (OLIVEIRA, 2006, p. 56).

Nas sociedades primitivas a educação era algo coletivo e espontâneo como a produção e outras ações em comunidade. Com a origem da instituição educativa e o surgimento da escola, a educação se torna dividida de forma diferenciada segundo a divisão das classes, a classe proprietária e a classe não proprietária, ou seja, uma educação para os homens livres e a educação para escravos e serviçais. Os primeiros dispoñdo de tempo livre onde a educação era voltada para o ensino intelectual, enquanto que para as classes não proprietárias restaria o ensino voltado para as atividades relacionadas ao trabalho braçal.

Nossa sociedade, ainda caracterizada pela divisão de classes, se apresenta com forte semelhança ao modelo de educação original antigo, induzido pelo sistema capitalista contemporâneo, que se adequando e se aprimorando continuamente por meio da introdução de modernas tecnologias nos meios de produção, tem como objetivo a expansão de dois produtos não apenas para uso, consumo e troca, mas para produzir excedentes, revelando a ganância do capital e a sua tendência forte em alienar o ser humano desde os primeiros anos de vida, inclusive a partir da escola.

2.MARXISMO E MAIS-VALIA

A teoria marxista da mais-valia traduz, objetivamente, os interesses do capital, que para consegui-los usa-se de todas as estratégias possíveis no sentido de difundir ideologias na sociedade e em todos os níveis educacionais, a exemplo da parábola da formiga e da cigarra e da teoria da detenção de competências e aprimoramento profissional contínuo, por meio da educação para o trabalho e conseqüentemente, da competitividade individual.

No filme *Segunda feira ao sol* (Los lunes ao sol), do diretor espanhol Fernando Aranoa (2002), é traduzida a angustia vivida pelos personagens que, desempregados, se veem incluídos no que a teoria marxista chama de exército industrial de reserva, sem chances de retornar ao trabalho e sem nenhuma perspectiva de re-inclusão social. Esta condição imposta pela expansão máxima do capital, que avança como um gigantesco rolo compressor na busca desenfreada dos seus objetivos faz parte do cenário econômico mundial da atualidade, e cuja gravidade é mais evidente nos países ditos pobres ou em desenvolvimento.

Neste cenário onde há mundialização, Alves (1999, p. 62) destaca que:

A economia associada a expansão do Sistema Capitalista são predominantes, o estado aparece ostentando o símbolo da autoridade instituída e como principal responsável pelos mecanismos vitais que deveriam suprir a sociedade, dentre eles estaria a educação, o trabalho e a saúde.

Ineficiente em sua missão, o estado muitas vezes confunde-se com a própria natureza do capital, ora assistindo com naturalidade as consequências negativas geradas pelo sistema capitalista, ora se apresentando como organizações produtivas e geradoras de lucros de acordo com o mais clássico dos princípios capitalistas.

E, paradoxalmente, a exemplo do que ocorre na atual crise econômica mundial, o estado socorre financeiramente as empresas do setor privado e em alguns países até assume o controle acionário de empresas até então do setor privado, tornando-as estatais. Esta indefinição da posição do estado que contraria os reais objetivos de sua missão o torna desacreditado perante os mais necessitados, que é a maioria da sociedade, e fica ainda mais enfraquecido quando se submete as exigências das agências de financiamentos mundiais para investimentos, principalmente nas áreas sociais, quando são nítidas as intenções de que tais ações sempre estão diretamente vinculadas à expansão do capital (OLIVEIRA, 2006 p. 67).

3. EDUCAÇÃO E AÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

Quanto à educação no Brasil, as ações sociais voltadas neste sentido e promovidas por meio do investimento do estado, muitas vezes em parceria com agências internacionais, não tem surtido efeito positivo quando da aplicação da política de ensino. São muitas as contradições existentes entre discurso e prática e a realidade que aparece por trás da fachada do marketing do governo, referente à educação no país.

A realidade que aparece, por trás dos programas de incentivo à educação, que são promovidos pelo governo, é traduzida, por exemplo, pelas salas de aulas sem telhado, sem carteiras e sem energia elétrica, mas que, no entanto recebe computadores, ou para alunos que chegam à faculdade com limitações para ler, interpretar e escrever corretamente.

Um país com uma política educacional que não funciona e que não tenha as necessidades em todos os níveis do ensino supridas, não formará cidadãos conscientes e com visão crítica tão necessária em um mundo de transformações e mudanças rápidas numa era globalizada.

As falhas existentes no sistema educacional do país são tão graves quanto às ações implementadas de forma utópica ou enganosa pelos governantes, o que favorece para o surgimento dos riscos da alienação dos indivíduos e deixa um terreno fértil para a exploração contínua do capital. Comportamento Mecanicista e Sistemático desde a Revolução Industrial que as mudanças no mundo vêm ocorrendo de forma constante e com profundos impactos, principalmente no ambiente das organizações.

A automação, que tomou o lugar da produção manual para fabricação de produtos em séries e a oferta de mercadorias em massa, contribuiu para adoção de comportamentos marcados por conceitos mecanicistas na vida do indivíduo em sociedade, onde por meio de um sistema típico do ambiente organizacional composto de controles, disciplina, planejamento e rotinas repetitivas, se reproduzem os processos existentes dentro das empresas como numa linha de produção e segundo os princípios da análise de qualquer processo que são: início, meio e fim ou entrada, processamento e saída.

As teorias do binômio fordista-taylorista, cujo princípio básico é a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho físico, na divisão de tarefas e na adoção de um modelo de administração semelhante aos princípios de operação de uma máquina, foram tão eficientes e marcantes em sua época que, independente dos avanços tecnológicos e dos princípios da gestão moderna, ainda são utilizados até nos dias de hoje, com maior ou menor intensidade em algumas organizações. Tais teorias estão fortemente marcadas na mente do indivíduo social como uma herança que o induz a adotar comportamentos e atitudes semelhantes aos princípios da administração científica de Taylor e aos conceitos da administração moderna da atualidade, onde o que conta é a eficiência máxima conseguida por meio dos modelos da gestão por excelência, para tornar as empresas cada vez mais competitivas na busca da lucratividade.

As estratégias de gestão para manter esta vantagem competitiva e, conseqüentemente, a garantia de sobrevivência em uma economia globalizada, exige das organizações o preparo para tantas mudanças que ocorrem de forma simultânea e a uma velocidade incalculável. Este preparo requer ações voltadas para a valorização do capital intelectual, cujo foco está dirigido principalmente para os recursos humanos, que independente dos avanços dos recursos tecnológicos, sempre foi o fator chave nos modelos de gestão e da evolução histórica do capital e trabalho.

O pensamento mecanicista e sistemático herdado dos sistemas produtivos pelo indivíduo, onde a precisão, rapidez e tenacidade são fatores imprescindíveis para o alcance dos objetivos empresariais, também são consideradas como competências pessoais proporcionadas ao indivíduo pela organização, por meio de um sistema educacional estratégico para atender seus interesses diversos, bem como para garantir os lucros em perfeita consonância com os princípios capitalistas.

4. A EVOLUÇÃO DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

A Evolução da Qualificação Profissional do indivíduo para o desenvolvimento de atividades seja na manufatura para transformação de matéria-prima em objetos de uso e consumo, no plantio e colheita de alimentos, na extração de minérios, ou na confecção de bens e execução de serviços, em qualquer época, sempre contou com a aprendizagem como fator inerente para o acesso ao conhecimento e ao processo produtivo.

Na idade média eram os mestres de ofícios responsáveis por formar os aprendizes em artífices Saviani (2007, p. 158), na era fordista já se desenhava o modelo de treinamento e desenvolvimento de pessoal bastante semelhante ao que se vê ainda nas empresas atuais, cujo objetivo é preparar e executar treinamentos segundo a necessidade do trabalho e desenvolver habilidades para um desempenho satisfatório dos empregados nas atividades operacionais.

Com o advento da gestão flexível, que provocou novo impacto nos meios organizacionais, surge o modelo das estruturas horizontais com relativa autonomia para quem executa as tarefas, exigindo em todos os níveis indivíduos com novas competências capazes de pensar, agir e decidir simultaneamente, independente do grau de tecnologia colocado a sua disposição. Diante dos novos cenários, as empresas do século XXI buscam de todas as maneiras permanecerem no mercado agora mais globalizado do que nunca, onde produzir muito com pouco custo não basta, as vantagens competitivas são necessárias por meio dos novos produtos, novas formas de relacionamentos comerciais, novos mercados, novas tecnologias e novos formatos de gestão.

Todos os conceitos, modelos e técnicas de administração e da produção, já vivenciados ou não, são válidos na competição do mercado global, desde as conhecidas técnicas japonesas (kanban, just in time, pokayoque, kaizen), passando pelos conceitos americanos da Gestão Pela Qualidade, Balanced Score Card, *Dowsizing*, Seis Sigmas e Zero Defeito até a reprodução dos modelos medievais de ensino e aprendizagem a exemplo dos atuais *Mentoring*, *Coaching*, *OntheJob* e *JobRotation*.

Neste contexto, Educação e Trabalho estão diretamente vinculados, já que o mercado exige um novo perfil do profissional cujas características são de um indivíduo informado, participante, dinâmico, ousado, proativo, eficaz, independente e autônomo, que busca pelo autodesenvolvimento e pelo aprendizado, não apenas técnico ou instrumental, além de outras competências. Todas essas exigências são originadas pelo sistema capitalista que a cada mudança no cenário econômico e do trabalho mais cresce e se fortalece, enquanto que na mesma proporção os indivíduos, na sua maioria, se angustiam e se fragilizam em virtude dos obstáculos existentes para o alcance destas competências que só poderia ocorrer por meio de um sistema de educação eficaz e completo.

Sem os requisitos básicos necessários exigidos pelo mercado de trabalho, o indivíduo conta com chances mínimas para competir e se tornar empregável, sem o perfil desejado resta-lhe a precariedade do trabalho com riscos eminentes de uma mobilidade social descendente.

Na Educação Corporativa o sistema educacional – com suas estruturas e políticas atuais – não consegue suprir o mercado de trabalho com profissionais de acordo com o perfil exigido pelas organizações, cuja sobrevivência depende de sua eficiência e de sua capacidade competitiva, fatores esses que são gerados pelas competências de seus empregados.

Para que não haja impedimento ao desenvolvimento da política expansionista do sistema capitalista, as próprias organizações se encarregam de formar seus profissionais por meio de um sistema de aprendizado contínuo (educação continuada) conhecido como Educação Corporativa. A pequena parcela da sociedade que consegue reunir os requisitos básicos do perfil profissional exigido atualmente e que por consequência tem acesso ao emprego é que poderá ser incluído nesta estratégia organizacional.

Por muitos anos as empresas foram atendidas em suas necessidades de mão de obra com qualificação técnica básica por entidades criadas por instituições patronais com incentivo do próprio governo. Os sistemas das Federações do Comércio e da Federação das Indústrias no âmbito patronal do setor privado, bem como as Escolas Técnicas no âmbito do Estado, proviam as empresas de jovens aprendizes e profissionais.

As empresas por sua vez contavam com os Departamentos de Recursos Humanos que por meio das áreas de Treinamento e Desenvolvimento T&D complementavam a formação e a qualificação dos empregados. Alguns segmentos industriais, a exemplo do têxtil, mantinham escolas para aprendizados e qualificações específicas das áreas operacionais, enquanto que em outros segmentos existiam programas de incentivo ao estudo.

Com o avanço tecnológico e a transformação dos processos de fabricação cada vez mais mecanizados e automatizados, os perfis dos profissionais foram se modificando até o perfil atual, cujas características são o alto desempenho e a multifuncionalidade. Com este novo cenário surge o novo modelo de qualificação profissional nos meios corporativos, por meio de um sistema de educação rápida, eficiente, atualizada e contínua, que atenda as exigências da economia globalizada.

A Universidade Corporativa surge então como mais uma nova estratégia capitalista para atender demandas de profissionais de gestão nas organizações, afastando-se do ensino universitário tradicional pelo mesmo não atender as especificidades em termos de qualificação profissional.

Tal estratégia, apoiada pelo estado, mostra mais uma vez a dúbia posição do governo em relação ao tema educação e trabalho, quando delega ao capital a liberdade de criar sistemas paralelos de educação ou escolas de alienação do indivíduo, fortalecendo as ideologias do Sistema Capitalista. Ana Caroline em seu artigo [s.d.] cita: “[...] o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, por meio da Secretaria de Tecnologia Industrial e Diretoria de Articulação Tecnológica, está desde 2003 investindo em desenvolvimento da educação corporativa”.

Segundo a autora, esse investimento tem como principal objetivo aumentar a competitividade das empresas brasileiras no mercado exterior e estímulo para que outras empresas implantem programas de educação corporativa. É importante destacar algumas das diversas empresas que já desenvolvem atividades de Educação Corporativa (EC), dentre elas: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Vale Eletronorte, Petrobras, Rede Globo de Televisão, Telemar, Embratel, entre outras.

Ampliando mais ainda as mudanças ocorridas no âmbito empresarial, veem-se, ao longo da história, as mudanças de concepções de treinamento, bem como a transição da nomenclatura e da concepção de T&D para EC (MILLONI APUD RICARDO, 2007)

A universidade corporativa, que se trata apenas de uma das faces das muitas engendradas pelas estratégias do capital, não é algo inusitado, com um rótulo novo e com um formato composto por retalhos de modelos antigos, tem por finalidade selecionar e formar apenas uma parcela de indivíduos da sociedade, para gerir os negócios das instituições capitalistas em quaisquer ambientes organizacionais, inclusive naqueles inseridos no conceito de mundialização.

Por se tratar de uma estratégia discriminatória dentro do próprio Sistema Capitalista, já que visa atingir alguns poucos privilegiados com qualificação intelectual, o programa passa a ter um sentido mais abrangente de forma a incluir o restante da classe trabalhadora e recebe uma nova denominação, passando a ser conhecido como Educação Corporativa até para diferenciar-se das universidades tradicionais. Com esta nova mudança o trabalhador das áreas de operação e produção é incluído nos programas de educação continuada.

Estas inovações no mundo do trabalho e da educação contemporânea criam a ilusão de que a empregabilidade estaria de certa forma garantida, o que poderia até acontecer se a onda endêmica do capital fosse detida, e com ela fosse retardado e melhor administrado o avanço tecnológico, melhor entendido o conceito de desenvolvimento sustentável e se começasse a ser desenhado um caminho para um novo mundo de justiça, liberdade, igualdade e fraternidade, onde houvesse respeito entre os homens e a natureza fosse preservada, e onde os valores humanos atuais fossem invertidos para ser em lugar do ter.

Esta seria uma visão utópica, pois o sistema econômico tem suas tendências atuais, apontando para uma realidade social pouco promissora do ponto de vista de valorização do ser humano, principalmente no que se refere à educação, pois considerando que esta é a base para o desempenho satisfatório para todos os papéis sociais inerentes ao indivíduo, inclusive para o trabalho e com o déficit existente no sistema de educação atual a começar pelo ensino básico, como será possível ao cidadão comum escalar todos os patamares que o permita pelo menos deter conhecimentos que lhe capacite e conduza a atualização de suas competências e habilidades, mesmo que seja para ocupação de postos simples de trabalho como, por exemplo: para ocupar o cargo de caixa de supermercado o trabalhador necessita comprovar ter concluído o ensino de segundo grau e a sua atividade principal se limita a passar um equipamento de leitura ótica nas embalagens dos produtos.

A tendência do conceito da super especialização para subatividades e em consequência a sub-remunerada é uma realidade presente já há algum tempo que atinge profissionais de formação educacional básica até aqueles com formação universitária. Sem a competência requerida e com a alta demanda de mão de obra em todos os níveis ocupacionais, o Sistema Capitalista cerca o indivíduo e o faz recuar em direção as fileiras do exército industrial de reserva (grifo nosso), formando verdadeiras legiões de desempregados à disposição do capital para garantir a ausência dos movimentos de reivindicações daqueles que se encontram empregados ou para assumir formas precárias de trabalho.

A criação e manutenção desse sistema de exploração como tantos outros, faz parte da estratégia de expansão do capital que atinge vários objetivos ao mesmo tempo, fazendo crer que fazer parte do processo de desenvolvimento do capital é vantajoso e, portanto se faz necessário o aprimoramento por meio da educação contínua para o trabalho, e que apenas alguns (individualmente) são dignos dos benefícios proporcionados pelo capital e são vencedores, têm sucesso e merecem reconhecimento.

Universidade tradicional é uma entidade com fins e propósitos bem definidos no que diz respeito à certificação profissional, alinhada ao incentivo da produção do conhecimento científico e da pesquisa, muito embora se questione a sua eficiência quanto ao seu desempenho e atuação, ainda é a universidade tradicional a instituição responsável pela disseminação do conhecimento desenvolvimento intelectual do indivíduo a qual mereceria sim, uma intervenção do estado com uma política séria, imparcial e transparente no sentido de proporcionar-lhe condições para cumprir sua real missão, inclusive a de fortalecer uma consciência de cidadania no indivíduo com ganhos para toda a sociedade.

A universidade tradicional é o caminho para solução de vários problemas que atingem a sociedade contemporânea. Se administrada para cumprir o seu papel, ela poderia funcionar como fator de articulação entre as populações e os gestores do estado, inclusive com propostas educacionais adequadas às necessidades atuais.

5 CONCLUSÃO

Um tema como educação e trabalho é marcado por vários aspectos, principalmente aqueles que estão próximos ao ser humano a partir de questões como o da exploração do homem pelo próprio homem em épocas e contextos diversos da sociedade. A divisão de classes é um desses aspectos quando se evidencia a separação do trabalho intelectual para uns e trabalho braçal para outros, este fenômeno se desdobra para outros cenários, como a existência e o acesso a escola, escola boa e escola ruim, trabalho precário e trabalho digno, saúde e alimento para uns e para outros não e tantas outras contradições que curiosamente estão sempre envolvendo o agente principal dos movimentos sociais, o ser humano.

A educação como fator básico ao desenvolvimento do indivíduo e que funciona como um alicerce onde seria erguida a estrutura para o desempenho de todos os outros papéis sociais, seria o ponto chave para atenuar os efeitos catastróficos do capital. Uma educação voltada para o indivíduo e que proporcione crescimento humano, com princípios pedagógicos que não vise apenas os interesses produtivos das estratégias expansionistas capitalista, mas que permita a formação de uma consciência cidadã crítica com discernimento em relação aos eventos sociais mundiais e com a criação de um pensamento de mundialização voltado para um indivíduo humano e solidário.

Conceitos de valorização do indivíduo conforme o exposto, só seriam possíveis a partir de mobilizações provocadas pelo próprio indivíduo, que interferindo de forma atuante e eficaz nas estruturas econômicas, políticas e sociais, tornaria possível definir o destino do país. Mais uma vez, o fator imprescindível para estas transformações seria a educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni; ANTUNES, Ricardo. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, v. 25, p.335-351. Campinas, 2004.

ALVES, Giovanni. As dimensões da Reestruturação Produtiva. **Ensaio de Sociologia do Trabalho**. 2.ed. Londrina: Práxis, 2007.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e a mundialização do capital: A nova degradação do trabalho na era da globalização**. 2.ed. Londrina: Práxis, 1999.

DELUIZ, Neise. A globalização econômica e os desafios a formação profissional. **Boletim técnico do SENAC**, v.30, n.3, p.73-79. Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Ramon de. **Agências multilaterais e a educação profissional brasileira**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

OLIVEIRA, Ramon de. Educação e Trabalho: do mito da reconversão tecnológica à ideologia da empregabilidade. **Revista da FAEBA**, v.15, p.57-66. Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Ramon de. As novas singularidades do capitalismo e a possibilidade da escola unitária. **28ª Reunião da ANPED**. Caxambu, MG, 2005.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34. Rio de Janeiro, abr. 2007.

SOUSA, Ana Caroline Ferreira de. UNIVERSIDADE CORPORATIVA: trajetória e implicações. **Administradores**. 17 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/universidade-corporativa-trajetoria-e-implicacoes/31047/>>. Acesso em 20/04/2015.

Data do recebimento: 27 de Abril de 2015

Data da avaliação: 28 de Abril de 2015

Data de aceite: 30 de Abril de 2015

1 Mestrando em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social – UFRPE – Professor da Facipe.

E-mail: cicero_jose@facipe.edu.br

2 Doutora em Ensino das Ciências –UFRPE – professora da Facipe. E-mail: ritapatricia.prof@gmail.com

3 Aluna do curso de administração da Faculdade Integrada de Pernambuco. E-mail: camilacarol--@hotmail.com